

## REFERENCIAÇÃO E ENSINO DE GRAMÁTICA NO CURSO DE LETRAS

Doutoranda: Lília Alves Britto  
UERJ

**RESUMO:** Considerando que o discurso norteia toda atividade textual e que os sentidos estão sempre abertos a novas ressignificações, este trabalho dá foco às funções discursivas dos mecanismos de referenciação bem como sua relação com o propósito comunicativo de gêneros textuais, para, a partir de então destacar a importância do ensino da língua portuguesa sob a perspectiva de uma gramática textual. A pesquisa apresenta como *corpus* de análise produções de resenhas críticas e resumos de alunos do curso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Com base na análise dessas composições, delinearam-se as seguintes hipóteses: a) certas dificuldades no estabelecimento de elos coesivos devem-se diretamente ao aprendizado de regras gramaticais cujo conteúdo, na época em que foi apresentado aos alunos, não recebeu adequada aplicação; b) As dificuldades estendem-se à falta de conhecimento do propósito comunicativo dos gêneros em questão, gêneros esses que receberam pouca ou nenhuma atenção na Educação básica; c) A escolha do mecanismo de referenciação está atrelada ao propósito comunicativo dos gêneros propostos, bem como os respectivos contratos de comunicação. Em relação ao conceito de referenciação, o estudo buscou o aparato teórico de KOCH (2012), (2011); CAVALCANTE (2012); e, para o aprofundamento das questões gramaticais, elencaram-se as obras de POSSENTI (2011) e TRAVAGLIA (2004). Os resultados das análises revelaram que as dificuldades quanto à produção textual têm suas raízes no modo como se ensina língua portuguesa nas escolas, pois o tratamento atribuído ao emprego de determinadas regras gramaticais não partilha de uma gramática do texto e se distancia de situações reais, comprometendo uma comunicação coesa e coerente.

**PALAVRAS-CHAVE:** REFERENCIAÇÃO - ENSINO DE GRAMÁTICA -PRODUÇÃO TEXTUAL

### 1- Introdução

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.*

(Fernando Pessoa)

Traçar atividades de produção textual em que se criem reais condições para a composição escrita, não constitui uma tarefa fácil e o grau de dificuldade aumenta quando os alunos se deparam com textos técnicos, na medida em que estes recebem pouco ou nenhuma atenção no cotidiano escolar. Diante disso, este artigo tem como objetivos propor uma descrição das reais dificuldades na produção de textos técnicos no ensino superior e elencar os conhecimentos gramaticais necessários ao estabelecimento da referenciação, visando à criação de propostas de correção de deficiências, muitas vezes oriundas da Educação Básica, para, na vida profissional, capacitar os discentes a produzirem textos de qualidade, claros e objetivos.

Este trabalho escolheu como *corpus* para análise os gêneros **resenha crítica** e **resumo**, recolhidos após um acompanhamento das aulas de técnicas de produção textual, em períodos iniciais do curso de Letras da UERJ. A escolha por esses gêneros deve-se, em princípio, a dois motivos: o primeiro diz respeito à pouca atenção dada às técnicas de produção dos mesmos nos

ensinos fundamental e médio; o segundo justifica-se pela necessidade de propostas de trabalhos voltados para a produção de textos técnicos e científicos. Sabe-se da existência de publicações muito didáticas sobre o tema<sup>1</sup> que, no entanto, ainda não foram suficientes para amenizar os erros na elaboração de tais gêneros.

Cabe destacar que os erros encontrados nas produções não se restringem aos de não cumprimento do contrato de comunicação dos gêneros propostos, eles são também de conteúdo gramatical em que se percebe terem relação com uma deficiência no ensino das normas gramaticais, na maioria das vezes, sem uma funcionalidade no texto. A escola tenta ensinar para passar em concursos que regem a sociedade quando, na verdade, deveria ensinar para a vida.

## 2- Do conceito de referência à referenciação: aspectos cognitivos, sociais e interacionais

O termo **referência** está inserido em uma visão de língua muito distinta do que hoje se tem do conceito de **referenciação**. A referência vê a representação das coisas como um reflexo perfeito, em que a correspondência entre as palavras e as coisas é a cópia fiel do real. Nessa visão, há uma perfeita correspondência entre as palavras e seu significado, este está pronto e é inerente àquelas.

Segundo Travaglia, o conceito de referência está inserido em

um sistema de funcionamento interno da língua que vê o indivíduo falante afastado do processo de produção, do que é social e histórico na língua. Essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda, segundo uma perspectiva formalista – que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua – e que a separa do homem no seu contexto social. (TRAVAGLIA, 2009, 22).

Dessa forma, não há interação entre autor e leitor, os sentidos estão prontos e são imutáveis, cabe ao interlocutor, apenas, aceitar a mensagem pronta. Na referência, os referentes rotulam o mundo real, são representações inquestionáveis da realidade.

No processo de referenciação, ao lançar mão de mecanismos coesivos, o produtor de um texto constrói um dos sentidos possíveis, este, por sua vez, não é único e fechado, pois à referenciação subjaz uma atividade discursiva da qual fazem parte sujeitos ativos que, a todo momento constroem e (re)constróem sentidos cujo conteúdo nunca é fechado, está sempre aberto, sujeito a novas ressignificações.

O autor, como o produtor do texto, apresenta um projeto de compreensão, porém, ao lançá-lo ao leitor, este com o seu conhecimento de mundo interpreta, através do léxico, preenche lacunas e constrói um sentido que lhe parece coerente. No estabelecimento da mensagem, há uma via de mão dupla em que emissor e receptor interagem dentro de um propósito comunicativo, a todo momento (re)construindo sentidos.

Ao entrar em contato com o texto, autor e leitor ativam modelos mentais que foram sendo construídos ao longo de suas vidas. Esse processo dá-se internamente, de forma distinta dos processos social e interacional.

De acordo com Mônica Cavalcante, “a atividade referencial é cognitiva, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem.” (CAVALCANTE, 2012, 112).

O processo sociointeracional tem seu início a partir do momento em que o indivíduo é considerado um ser social que tem conhecimento das coisas do mundo e interage com elas. Para Koch & Elias,

os referentes participantes do processo de referenciação não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso,

---

<sup>1</sup> Há as seguintes publicações: “A redação de trabalhos acadêmicos: Teoria e Prática”; “Resumo” e “Resenha” (cf. referência completa nas referências bibliográficas).

de acordo com nossa percepção do mundo, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos. (Koch & Elias, 2011,134).

Toda bagagem mental tem sua construção a partir da inserção dos sujeitos no contexto social bem como sua interação com o mundo. Em vista disso, Cavalcante propõe uma conceituação do processo de referenciação:

o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s).” (CAVALCANTE, 2012, 113)

Blikstein (1985) postula que a visão que se tem da realidade é resultado da percepção cultural do ser humano. O autor afirma ainda que é na dimensão percepção e cognição que se “fabricam” os referentes.

Koch afirma ser a referenciação uma atividade discursiva e a analisa sob o ponto de vista da produção escrita dizendo que “o escritor opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com o seu projeto de dizer.” (*apud* Koch & Elias, 2011, 134).

### 3- Produção Textual e Ensino de Gramática

Este capítulo dá destaque à funcionalidade dos conhecimentos de gramática ao se produzir um texto e visa a contribuir para a reflexão acerca das aulas de Língua portuguesa, não somente no Ensino Superior mas também em todos os níveis da Educação Básica.

No decorrer da análise dos *corpora* desta pesquisa, foram verificados alguns desvios, por parte dos alunos, quanto ao cumprimento de certas normas gramaticais que implicaram a ausência de enunciados coesos e coerentes.

Constantemente ouve-se falar que se aprende a escrever escrevendo e a ler lendo, contudo é preciso ater-se ao fato de que ler e escrever também se ensina, portanto não se pode negligenciar a necessidade de um ensino sistemático de normas da língua em algum momento da vida escolar. É certo que muitas das regras gramaticais são aprendidas pela visualização de seu emprego, por meio das várias leituras que são feitas ao longo da vida do educando, e que essas regras são reproduzidas, intuitivamente, sem saber o porquê de seu uso.

De acordo com Perini,

a imagem da língua representada nas gramáticas escolares é incorreta, mal dirigida em seus objetivos e deficiente em seus fundamentos teóricos. Se a gramática é uma disciplina científica, é essencial que se promova uma reformulação de seu conteúdo, levando em conta os resultados da ciência da linguagem.” (2014, p. 49).

Luiz Carlos Travaglia constata a necessidade de uma gramática preocupada com os contextos situacionais, adequada a cada situação de interação comunicativa. Esta visão de gramática apresenta várias dimensões como:

a) ser adequado quanto à possibilidade de produzir os efeitos de sentido desejados de modo a atingir os objetivos pretendidos; b) ser adequado quanto ao atendimento de normas sociais de uso da língua em termos de variedades da língua a serem usadas; c) ser adequado quanto ao direcionamento argumentativo; d) ser adequado quanto ao atendimento de exigências de naturezas diversas, tais como estética, polidez etc. (2004, p. 17).

O autor é a favor da tese de que a gramática precisa ser entendida como “o conjunto de conhecimentos linguísticos que um usuário da língua tem internalizados para uso efetivo em situações concretas de interação comunicativa.” (2004, p. 17).

O professor Helênio Fonseca de Oliveira, em seu artigo intitulado “*Como e quando interferir no comportamento linguístico do aluno*”, comenta

Seria nula a utilidade do aspecto normativo do ensino da língua, num sentido amplo, se não existisse erro de linguagem, mas o erro existe, logo o que se deve combater não é necessariamente a faceta normativa do ensino, e sim o normativismo tradicional, fundado num conceito equivocado de correção linguística. (2000, p. 82).

Quanto a esses erros de linguagem, Oliveira propõe uma tipologia dividida em **erros de linguagem em termos relativos** e **erros em termos absolutos**. Estes constituem-se de formas incorretas em si mesmas, incorretas em qualquer contexto situacional; já naqueles, todo erro consistiria no emprego do registro informal em situações formais ou vice-versa. Os erros relativos estariam vinculados ao conceito de adequação ou inadequação.

Percebe-se que grande parte dos erros que serão listados tem sua origem na Educação Básica, pois na época em que determinados conteúdos gramaticais foram ministrados aos alunos, nem receberam a didática adequada nem lhes foram apresentadas suas funcionalidades dentro do texto.

Os trechos que se destacarão a seguir fazem parte do material que compõe o *corpus* desta pesquisa. A partir deles, serão traçados comentários acerca dos desvios gramaticais cujo conteúdo compromete o estabelecimento da coesão e da coerência nas produções dos alunos.

A primeira inadequação quanto ao uso das normas gramaticais diz respeito ao emprego do artigo definido:

*“O texto fala sobre a dúvida gerada quanto ao uso de presidente ou presidenta para referir-se à Dilma. [sic].”* (Resumo 1)<sup>2</sup>

Nesse trecho, além do erro no emprego do definido há inadequação quanto ao emprego da crase, referindo à presidenta do Brasil. A presença do artigo denota maior intimidade, o que não é o caso.

Os desvios cometidos em relação ao emprego do artigo definido denunciam o desconhecimento do modo como introduzi-lo na superfície textual. Certamente o aluno conhece de cor todos os artigos definidos e indefinidos, porém se perde no momento de atribuí-los funcionalidade textual.

Esses desvios, contudo, não param nos artigos definidos, eles se estendem também aos indefinidos: *“Um texto bastante interessante de Veríssimo (...)”* (Resenha 1). Nesse exemplo, apesar de haver a introdução de um novo termo, o vocábulo “texto”, por meio de um artigo indefinido, o aluno não explicita, em momento algum ao longo da composição da resenha crítica, informações que esclareçam para o leitor que texto do Veríssimo está sendo resenhado.

Os erros elencados a seguir referem-se ao emprego dos pronomes relativos **onde**: *“É mostrado que o vocábulo “presidente” é herdeiro do tempo verbal particípio presente, utilizado no latim onde para designar os gêneros bastava o uso do artigo desejado.”* (Resumo 1).

O pronome relativo **onde** é anafórico e exerce, sintaticamente, a função de adjunto adverbial, seu antecedente, portanto, se constitui de um lugar físico.

Um parágrafo será citado a seguir para enfatizar desvios mais graves, cujo conteúdo comprometem ainda mais a construção dos sentidos do texto, sendo responsável por transmitir informações equivocadas acerca do texto-fonte. Eis o parágrafo:

*“O texto faz uma abordagem sobre o uso do termo ‘presidente’ ou ‘presidenta’, visto que no Brasil uma mulher foi eleita pela primeira vez a esse cargo, com isso vem mostrando sua utilização através da sua origem, que é herança latina de um tempo verbal por nome particípio presente, passado e futuro que servia a ambos os gêneros, necessitando que seu antecessor, um artigo, fizesse essa distinção. [sic]”* (Resumo 2).

Logo no início do parágrafo há, novamente, uma anáfora sem referente, pois não se sabe de que texto se trata. O segundo termo em destaque retoma, erradamente, o fato de pela primeira

<sup>2</sup> As produções comentadas seguem em anexo.

vez uma mulher ser eleita ao cargo de presidente, quando, na verdade, deveria estar fazendo remissão ao uso do termo presidente. Há ambiguidade no emprego dos sintagmas “sua utilização” e “sua origem” (tanto pode referir-se à eleição de uma mulher à presidência quanto ao emprego de presidente ou presidenta).

A penúltima expressão em destaque refere-se a uma oração adjetiva que restringe, não se sabe ao certo que participio: o presente, o passado ou o futuro? Por fim, é transmitida ao leitor uma informação alheia ao texto-fonte e incorreta, pois no latim não havia artigos, eles passaram a existir na passagem do latim ao galego-português, por meio de um dos processos evolutivos da língua. No livro “*História da Língua Portuguesa*”, Paul Teyssier comenta:

um artigo definido forma-se com base no demonstrativo *ille*. As quatro formas saídas do acusativo, diferenciadas em número e em gênero – *illum, illam, illos, illas* -, dão inicialmente *lo, la, los, las*, em virtude da aférese sofrida pelo seu emprego proclítico. (2001, p. 20).

Cumprido destacar a opinião de Sírio Possenti sobre os “desvios”:

Há diversos graus de “desvios” em relação ao padrão linguístico, a chamada correção. Algumas das construções, usadas correntemente, só são consideradas erradas na escola, e seu conhecimento é cobrado nas provas, ou em situações como concursos. Em relação a elas, a sociedade, mesmo a parcela culta da sociedade, é relativamente indiferente. Ou, pelo menos, reage a elas com um controle mais frouxo. (2011, p. 110-111).

Parece que a escola tem feito uma escala de desvios, privilegiando aqueles mais estigmatizados pela sociedade e deixando de ensinar certas normas gramaticais que contribuem para a construção de textos coesos e coerentes. Deve-se destacar, ainda, que os erros encontrados não se restringem ao emprego de mecanismos gramaticais, eles se estendem a compreensões e interpretações equivocadas que acarretarão em um processo de total desconstrução dos sentidos do texto-fonte, principalmente nos resumos. Vale ressaltar que os erros comentados restringem-se aqueles cujo conteúdo compreende o mecanismo da referenciação, na nomenclatura proposta por Oliveira dizem respeito aos **erros textuais**, pois vão além do nível frástico e comprometem a coerência global do texto. Não se explicitaram, no entanto, comentários acerca de outros erros, como pontuação, concordância, ortografia, coesão sequencial etc, que também foram bastantes.

#### 4- Considerações finais

Os erros elencados denunciam falhas no ensino de Língua Portuguesa e um afastamento dos objetivos dessa disciplina. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, espera-se que o ensino de Língua Portuguesa permita ao aluno ser capaz de expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos – tanto orais como escritos – coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados; (Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental, 1997, p. 41).

A língua tem sido aprendida sem propósitos discursivos, aprende-se para si, sem fim textual, formam-se “analfabetos científicos”<sup>3</sup>. O gramático Mário A. Perini, no livro “Gramáticas contemporâneas do Português” tece as seguintes conclusões quanto ao estudo de gramática:

(...) o estudo de gramática, tal como praticado atualmente, contribui para a analfabetização científica dos estudantes: por fornecer resultados sem focalizar os métodos de obtê-los; por, muitas vezes, lidar com dados fictícios;

---

<sup>3</sup> Termo criado por Perini.

por desencorajar a dúvida e o questionamento; em uma palavra, por encorajar a crença acrítica em doutrinas aprendidas, mas não justificadas. (2014, p. 56).

A observação das infrações à norma gramatical veio a ratificar um ensino de língua materna sem propósitos textuais, destituído de sentido. O educando aprende todos os artigos definidos e indefinidos, porém não sabe sua funcionalidade dentro de um texto, isso confirma o crescimento do analfabetismo científico. Além disso, a falta de intimidade com os gêneros acadêmicos gera falhas na produção textual de alunos universitários. Essas falhas têm origem na Educação Básica, em que gêneros como resenha e resumo recebem pouca ou nenhuma atenção.

A gramática, portanto, deve ser estudada visando à reflexão metalinguística, de modo que se permita a correlação entre os fatos gramaticais e a constituição dos textos, com fins discursivos.

### 5- Referências Bibliográficas

BLIKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. *Referenciação e discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. 22. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DIJK, Teun A. Van. *Cognição, discurso e interação*. (org. e apresentação de Ingedore V. Koch) 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MACHADO, Anna Rachel *et alii*. *Resumo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004b.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. “Como e quando interferir no comportamento linguístico do aluno.” In: JÚDICE, Norimar et alii, (Org). *Português em debate*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999. P. 65-82.

PERINI, Mário A. “Defino minha Gramática como a tentativa de encontrar resposta às perguntas: por que ensinar gramática? Que gramática ensinar?” In: NEVES, Maria Helena Moura; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (orgs). *Gramáticas contemporâneas do português*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p.48.

POSSENTI, Sirio. *Questões de linguagem: passeio dirigido*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática ensino plural*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

## ANEXOS

## Resenha 01

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

2ª Avaliação de Prática de Produção Textual II - RESENHA

Autor: Veríssimo

Texto: Versões

Jornal: O Globo, 22/02/2009

### A Evolução do Pensamento Feminino

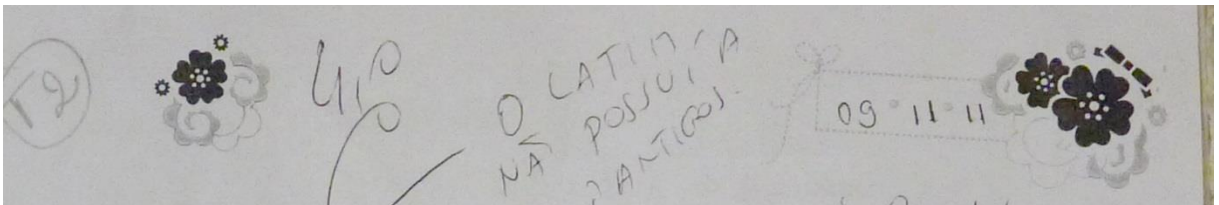
Um texto bastante interessante de Veríssimo que nos faz refletir sobre a mudança do pensamento da sociedade, principalmente da mulher, ao longo do tempo, com a ajuda de elementos conhecidos por todos, tanto no passado como no presente.

O artigo é dividido em várias partes com o mesmo tema central, só que cada uma em um momento diferente da história. Com isso, o seu desenrolar também é distinto. A primeira parte está na época medieval, com a tradicional história da donzela que beija um sapo e este vira um príncipe. Se casam e são felizes para sempre. No segundo momento, anos depois, mas ainda bem antigamente, ocorre o mesmo, porém a donzela impõe ao sapo a condição de não beijá-lo de língua. A terceira parte já é depois da revolução industrial, a donzela é desempregada, o sapo vira um homem feio e eles têm uma vida difícil. A quarta época já é neste século, tudo igual, com apenas um agravante: já não se precisa ser donzela. No quinto momento, nos anos sessenta, a mulher, feminista, já está do lado da bruxa que transformou o príncipe em sapo, pois se ela fez algo, foi mais que merecido. Mais tarde, já se fala em uma jovem empresária na beira do rio artificial de seu condomínio fechado, que não se importa com a história do sapo, pois príncipes não valem mais muita coisa, e sim o dinheiro que ganharia com um sapo falante. Por fim, antontem, a jovem procura seu consultor financeiro que lhe diz para procurar essa bruxa, pois ela seria a solução da crise transformando moeda fraca em forte.

Com esse texto, podemos perceber que com o passar do tempo, a mente das mulheres não está mais focada em encontrar o seu príncipe encantado e em se casar, e sim na sua independência, no seu poder econômico, acompanhando o próprio ritmo da evolução do mundo pouco a pouco. Assim, ela já começa a impor limites não beijando de língua, a realidade começa a mudar com o príncipe já não sendo mais tão bonito e nem a vida sendo mais tão fácil, já não se precisava nem mais ser donzela e sim uma mulher com opinião própria formada defensora do feminismo e finalmente a mulher atual que pensa mais no capital.



Resumo 01



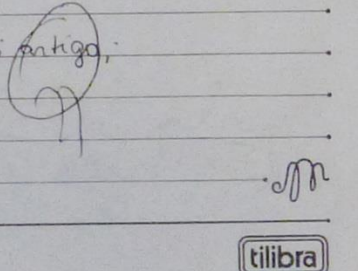
O LATIM NA POSSUI A ANTIGUIDADE?

P.F.T II  
 VERS 2011.2

Presidente ou presidenta?

Resumo. O texto fala sobre a dúvida gerada quanto ao uso de presidente ou presidenta para referir-se a Dilma. É notado que o vocábulo "presidente" é herdeiro do tempo verbal participio presente, utilizado no latim onde se usa para designar os gêneros bastava o uso do artigo designado. A terminação desse tempo "nte" que indica aquele que pratica a ação, bastante visualizada na nossa língua portuguesa, estando essa terminação ligada a nomes mas, em alguns casos, temos vestígios desse tempo em algumas expressões verbais. Podemos entender ainda a partir do texto que quando se trata de adjetivos não há alteração nos gêneros mantendo assim a ideia do latim quanto ao uso do artigo definido para fazer tal diferenciação. Porém, fica claro no texto que os substantivos podem variar quanto ao gênero. No marcado pela desinência de gênero feminino -a, ela mantendo-se inalteráveis. Essa oscilação que é permitida aos substantivos que nos dá base para que o termo "presidenta" seja aceito e até mais usado comumente.

Palavras-chave: participio presente; gênero; artigo;





## Resumo 02

(T3)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
 Instituto de Letras  
 Prof<sup>a</sup>: Tania

9.3

Resumo Acadêmico

Presidente ou presidenta?

O texto faz uma abordagem sobre o uso do termo "presidente" ou "presidenta", visto que, no Brasil, uma mulher foi eleita pela primeira vez a esse cargo, com isso vem mostrando sua utilização através da sua origem, que é herança latina de um tempo verbal por nome participio presente, passado e futuro que servia a ambos os gêneros, necessitando que seu antecessor, um artigo, fizesse essa distinção. O latim fazia a separação dele nos três tempos, já o português permaneceu somente com o tempo passado, embora se reconhece os outros dois em algumas palavras, que também apresentam resquícios do participio futuro. O participio presente ficou nos grande número de palavras, entre elas substantivos e adjetivos, como também conectivos. Este tem por característica formal a terminação "nte", indicando o agente de uma ação; dele também derivam em maior parte adjetivos. O participio presente teve seu lugar assumido pelo gerúndio, associando-se a nomes, e não a verbos; sua terminação continua fértil em nossa língua, além dos termos derivados, que formam analogias. Os adjetivos não fazem distinção de gênero, são sempre uniformes, sem flexão. Os substantivos sofrem oscilações nas

PAUTA 1

DA

O

A

ESCREVA

